



HAL
open science

Cooperação internacional para novos conhecimentos: um estudo exploratório do sistema de tese em cotutela

Valdir Pretto, Nadja Maria Acioly-Regnier, Jean-Claude Regnier

► To cite this version:

Valdir Pretto, Nadja Maria Acioly-Regnier, Jean-Claude Regnier. Cooperação internacional para novos conhecimentos: um estudo exploratório do sistema de tese em cotutela. Biennale Internationale de l'Éducation, de la Formation et des Pratiques Professionnelles - CNAM, Jun 2015, Paris, France. hal-01203613

HAL Id: hal-01203613

<https://hal.science/hal-01203613>

Submitted on 23 Sep 2015

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

**COOPÉRATION INTERNATIONALE EN VUE DE NOUVELLES CONNAISSANCES:
UNE ÉTUDE EXPLORATOIRE DU SYSTÈME DE THÈSE EN COTUTELLE**

**INTERNATIONAL COOPERATION FOR NEW KNOWLEDGE: AN EXPLORATORY
STUDY OF SYSTEM THEORY IN COTUTELLE**

**COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA NOVOS CONHECIMENTOS: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO DO SISTEMA DE TESE EM COTUTELA**

PRETTO Valdir

Docteur en Sciences de l'éducation de l'Université de LyonLyon2 (France) et de
UNISINOS SãoLeopoldo (RS Brésil) (Doctorat en cotutelle)
Enseignant Chercheur à UNIFRA – Santa Maria (RS Brésil)
pretto@unifra.br

ACIOLY REGNIER Nadja Maria

Maitre de Conférences HDR – ESPE Université Claude Bernard Lyon1
Directrice de thèses ED485 EPIC
acioly.regnier@wanadoo.fr

REGNIER JeanClaude

Laboratoire : UMR 5191 ICAR
Université de Lyon Lyon2
Jeanclaude.regnier@univlyon2.fr

RÉSUMÉ

Cette communication aborde le dispositif de cotutelle dans le cadre de la coopération internationale établie entre les universités françaises et brésiliennes à partir d'un exemple de thèse. Celle-ci a pu bénéficier d'une coopération théorique et méthodologique de cadres culturels différents. Si cette condition est toujours plus complexe pour le doctorant, qui doit tenir compte de la diversité et de l'altérité, elle le libère aussi d'un compromis à un cadre unique de pensée en permettant une prise de distance culturelle et académique et une ouverture pour la continuité des travaux de recherche. Dans la thèse analysée ici, certaines activités étaient spécifiques de la réalité brésilienne, mais la compréhension et l'interprétation de la problématique ont été enrichies par une formation biculturelle.

Mots Clés: Connaissances; Coopération Internationale; Cotutelle; Education; Sciences.

ABSTRACT

This communication addresses the device under joint supervision of international cooperation between French and Brazilian universities from a sample thesis. Celle-ci could benefit from theoretical and methodological cooperation of different cultural settings. If this condition is always more complex for the student, who must take into account the diversity and otherness, it also releases a commitment to a single frame of mind by allowing decision-cultural and academic distance and aperture for continuity of research. In the thesis analyzed here, some activities were specific to Brazilian reality, but the understanding and interpretation of the problem have been enriched by a bicultural education.

Keywords: knowledge; International Cooperation; Cotutelle; Education; Science.

RESUMO

A presente comunicação aborda o mecanismo de supervisão conjunta, acordo chamado *cotutela*, no âmbito de cooperação internacional estabelecido entre as universidades francesas e brasileiras de uma tese. Esta se beneficiou de uma cooperação teórica e metodológica de diferentes contextos culturais. Esta condição é sempre mais complexa para o aluno, que deve levar em conta a diversidade e alteridade, ela também libera um compromisso para um quadro único do pensar, permitindo tomar distância acadêmica e cultural e uma abertura para a continuidade da pesquisa. A tese analisada apresenta algumas atividades que foram específicas para a realidade brasileira, mas a compreensão e interpretação do tema foram enriquecidas por uma educação bicultural.

Palavras-chave: Conhecimento; Cooperação Internacional; Cotutela; Educação; Ciência.

INTRODUÇÃO

Apresentamos nesse trabalho uma descrição parcial do sistema de doutoramento em regime de cotutela, das especificidades desse regime, dos obstáculos e dos ganhos do ponto de vista do trabalho acadêmico e pessoal. Pretendemos, a partir desse trabalho, contribuir ao processo de cooperação internacional no mundo acadêmico, e mais particularmente ao protocolo chamado *cotutela*, que é um acordo bilateral estabelecido entre duas instituições universitárias, acordo no qual a tese do primeiro autor, desse artigo, foi desenvolvida. Ressalta-se aqui que esse acordo foi o primeiro assinado entre a Universidade de Lyon 2 – França, e a Universidade Unisinos, no Rio Grande do Sul-RS - Brasil, em 2005, sob a responsabilidade do professor Dr. Jean-Claude Régnier de l'Université Lumière Lyon2, na área da Educação. Atualmente, outras Universidades do RS também fazem parte desse acordo.

Esse dispositivo requer rigor científico, legislativo, pessoal, organizacional e administrativo, implicando uma série de cláusulas no seu procedimento local e internacional. Começando pela inscrição, o candidato, para estar integrado a esse acordo além fronteira, passa pelos trâmites normais de cada universidade. Ele deve estar atento às exigências curriculares, em ambos os países de interesse, às suas adaptações e reaproveitamentos, colocando seu projeto para análise e tendo aprovação juntamente com os exames por escrito e oral de ambas as instituições. Então poderá seguir com sua pesquisa, respeitando o procedimento regimental estabelecido nessa cooperação, em vista de construir ou reconstruir novos conhecimentos.

Esse acordo, cercado por suas exigências e orientações, revela a intenção de trazer a divulgação dos resultados da pesquisa com vistas a benefícios sociais à comunidade científica na socialização da produção intelectual realizada. Nesse princípio de reciprocidade, a validade da tese preparada pelo doutorando é reconhecida de pleno direito pelas universidades co-assinantes do convênio. Podemos escrever que nesse princípio está seu diferencial, existindo forte exigência teórica, epistemológica da produção intelectual e cooperativa para se chegar à conclusão do trabalho empreendido.

Contrariamente ao que se pode pensar, esse acordo ainda é pouco conhecido nas diversas instâncias acadêmicas, sendo frequentemente confundido com a co-orientação. Há certa resistência na compreensão que se trata de uma tese que dará direito a dois diplomas de doutorado, das duas universidades envolvidas, e por esse motivo, deve haver um acordo e um respeito relativo às normas e regras de cada instituição de ensino superior.

A importância dessa cooperação passa por muitos valores, que vão além do interesse particular do acadêmico ou da própria instituição implicada, contribuindo não somente para a pesquisa desejada, mas possibilitando uma abertura maior ao espírito científico, pois sabemos que toda pesquisa é um processo no qual se constroem novas ideias sobre um determinado problema a ser estudado, não excluindo o que já existe.

1 FUNDAMENTAÇÃO E QUADROS TEÓRICOS

Nesse princípio de reciprocidade, a importância para as instituições envolvidas, gira em torno da busca do conhecimento em diferentes realidades socioculturais e socioeducacionais. O foco é o conhecimento que se vai construindo entre diferenciadas teorias e práticas metodológicas, uma vez que cada grupo possui sua própria cultura acadêmica. O conhecimento possibilita essa reflexão, integrado nas diferenciadas instituições acadêmicas, organizações profissionais e realidades que possam fornecer dados de análise que nos ajudam também a refletir as diferentes práticas e preocupações na experiência da socialização do conhecimento. Este tem uma função política, social, cultural e institucional-cooperativa.

Ao tratar da questão do conhecimento no dizer de Bombassaro (1992, p. 18), “deve-se ter presente em primeiro lugar, que o conhecimento é uma atividade intelectual, na qual o homem procura compreender e explicar o mundo que o constitui e o cerca”. Aqui estamos refletindo, *olhando* para a construção do conhecimento como atividade e produção intelectual em contextos acadêmicos e culturais distintos que devem ser integrados e não simplesmente justapostos para que o dispositivo de tutela seja realmente um ganho acadêmico para as instituições, para o aluno e para o conhecimento.

A investigação científica é formadora de redes relacionais, afetivas, racionais e cooperativas, na qual todo processo desenvolvido é portador do conhecer. O estar nos caminhos investigativos é estar em relação com o ainda não conhecido, ultrapassando espaços e territórios geográficos. Vieira Pinto (1969, p. 13) trata a pesquisa científica como,

um aspecto, na verdade, o momento culminante de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo à sua essência de animal que conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às suas necessidades. Este processo chama-se “conhecimento”.

Podemos dizer inicialmente, por questões de sobrevivência, que esse universo do pensamento que invade as pessoas que chegam de diferentes regiões, países, continentes, faz com que elas avancem em suas curiosidades epistemológicas.

A reflexão epistemológica tem a função de ajudar as pessoas a compreender a estrutura do conhecimento identificado como verdadeiro com a pretensão de objetividade e validade universal existente no dizer de Bombassaro (1992). Ela permite ou deveria permitir estabelecer aproximações com os conhecimentos construídos no outro lado das “fronteiras epistemológicas”, o conhecimento do senso comum em que,

graças a este tipo de conhecimento, o homem conseguiu, por exemplo, adotar estratégias que lhe garantissem a própria sobrevivência. No entanto, quando se trata de perguntar pelas causas, o conhecimento de senso comum torna-se insuficiente. Desta forma o conhecimento de senso comum está próximo ao que Platão chamava *doxa*. Já o segundo tipo de conhecimento apontado por Platão, a *episteme*, não encontra facilmente um paralelo com as classificações contemporâneas. Este tipo de conhecimento está identificado com o conhecimento verdadeiro (BOMBASSARO, 1992, p. 24).

O conhecimento é confirmado na criatividade, na reflexão, na cooperação entre distintas realidades, na busca incansável de produzir, de criar e recriar meio às infinitas circunstâncias. Parafraçando Clausewintz, em seu livro *um discurso sobre as ciências*, Santos escreve que:

Podemos afirmar hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece o real. Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes e nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação (SANTOS, 2002, p. 52).

Assim, novas descobertas devem ter um lugar e uma relação nos diferenciados centros de pesquisa, que devem servir à sociedade estabelecendo laços sociais em vista do bem comum. Esses laços sociais acadêmicos têm por missão trazer de forma benéfica conhecimentos a toda comunidade social e científica. A construção epistemológica entre realidades distintas ajuda a dar suporte ao pesquisador, através de uma argumentação mais próxima do objeto de pesquisa. Vamos sendo tradutores desses meios em que circulamos, refletimos, estudamos, pensamos, filosofamos, num constante movimento na compreensão desses aprender e ensinar.

Atualmente podemos escrever, falar, observar e refletir sobre a mobilidade acadêmica internacional que está acontecendo e as políticas públicas que vão sendo elaboradas. Estabelecendo novos contatos com diferentes culturas, outras áreas sociais, idiomas e viveres que vão se universalizando. Santos (2014, p. 25), em sua tese lembra que no Brasil:

O Ministério de Educação e Cultura e o Ministério de Ciência e Tecnologia com o incremento de aporte financeiro, melhoria na infraestrutura universitária, bem como um maior suporte da diplomacia nacional têm tornado possível um maior acesso a estudantes e pesquisadores, em programas de graduação ou pós-graduação, a se lançarem em intercâmbios universitários internacionais. Esses investimentos têm sido possíveis pela ação direta da Coordenação e aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - Capes e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Juntas estas instituições mudaram as diretrizes dos intercâmbios internacionais para estabelecer os elementos necessários ao desenvolvimento da cultura de mobilidade acadêmica inerente ao processo de internacionalização da educação superior.

Nesse processo, podemos dizer que a cooperação entre universidades, em particular envolvendo diferentes continentes, abre um universo de possibilidades: como encontros, seminários, aulas entre os pesquisadores e orientadores, percebendo e articulando elementos em comum, desafios e dificuldades que são quase padronizadas em todos os centros acadêmicos. No entanto, a experiência trazida por ambas às partes permite aprofundar elementos que, trabalhados, refletidos e analisados se tornam essenciais para ajudar e fazer progredir uma pesquisa, em sua determinada realidade.

A cooperação acontece de forma institucional e comunitária. O agente pesquisador tem o compromisso de fazer acontecer o encontro entre essas realidades, nas quais o conhecimento está no centro das preocupações, sendo ponto de encontro institucional para formação e educação. Outro elemento determinante nessa cooperação estabelecida é a *dimensão cultural* que o candidato é convidado a se inserir para poder se adaptar à uma nova forma de vida, com seus diferenciados códigos locais, regionais e nacionais.

A cultura como processo histórico e integral da humanidade nos deixa encantados pela diversidade e desafiados pela complexidade. Como ação do ser social, caracterizada pelo homem e pela mulher, no dizer de Bruner (1991, p. 36): “a cultura é uma sorte de caixa de ferramentas, onde o homem encontra as próteses das quais tem necessidade para ultrapassar e às vezes redefinir os limites naturais de seu funcionamento”. Seja a nível pessoal, coletivo ou cooperativo, a cultura vai se construindo no cotidiano com elementos estáveis e duráveis, e com elementos dinâmicos e contingentes. Os elementos geográficos, históricos e éticos são, às vezes, determinantes em seu desenvolvimento.

O ser humano é marcado e influenciado por diferenciadas fontes donde brotam distintas culturas do mundo social do qual é parcela: começando pela família, escola, universidade e grupos humanos com os quais tem relações. Na definição de Bruner (2000, p. 6).

A cultura é um fenômeno simbólico, produzido pelo homem. Ela nos propõe categorias comuns partilhadas que nos permitem agrupar eventos, objetos, situações, crises. O que dá à cultura sua continuação entre as gerações são as obras que ela cria e que ela transmite de uma geração a outra: sua ciência, sua arte, suas leis, seus dispositivos institucionais, sua mitologia.

A missão de transmitir o(s) conhecimento(s) de outras culturas, num senso crítico e sobre bases éticas, para uma tomada de consciência de valores e limites da própria sociedade cultural, deve ser passada não somente por uma educação institucionalizada, escolar ou acadêmica, mas pelas diferentes formas como o conhecimento é construído em distintos ambientes. Veiga-Neto (2003, p. 5), lembrando Hall (1997), diz:

Assiste-se hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos.

2 MÉTODO

O trabalho descreve um acordo chamado *cotutela*, no âmbito de cooperação internacional, estabelecido entre universidades francesas e brasileiras, a partir da tese de doutoramento do primeiro autor deste artigo. Este acordo, firmado em 2005, entre a Universidade de Lyon 2, (França) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, Rio Grande do Sul (Brasil) objetiva a supervisão conjunta de dissertações e teses no âmbito de Cursos *stricto sensu*, mestrado e doutorado. Esta modalidade de trabalho possibilita uma cooperação teórica e metodológica de diferentes contextos culturais. Lembramos, como escrito na introdução, atualmente outras Universidades brasileiras também fazem parte desse acordo. Esse dispositivo requer rigor científico, legislativo, pessoal, organizacional e administrativo, implicando uma série de cláusulas no seu procedimento local e internacional.

Considera-se que esta cooperação se configura como uma alternativa metodológica para mediar projetos de intervenção e investigação acerca da prática educativa, especialmente quando estabelecida pela parceria entre universidades e pesquisadores desprovidos de uma hierarquização de importância no grupo, pensando a construção do conhecimento entre diferentes culturas e centros formativos (BOAVIDA; PONTE, 2002). Assim, o trabalho foi desenvolvido com base em uma abordagem metodológica teórico-prática, subsidiada em autores descritos no referencial deste artigo.

3 DADOS OBSERVADOS E RESULTADOS OBTIDOS

Descreveremos aqui sinteticamente e de forma não exaustiva, alguns pontos presentes nesse processo de construção de uma tese em cotutela, que parecem se constituir como invariantes nas relações franco-brasileiras na área da educação. Essa descrição pode fornecer subsídios para o avanço nesse processo e meios para ultrapassar os receios face ao desconhecido. Nesse sentido Matos e Perez-Caraballo (2012) e Matos, S., Pérez-Caraballo, G., Acioly-Régnier, N.M., (2013) observam que a cultura, inserida em um determinado contexto, que se refere à tradição dos valores morais, funciona como uma fronteira cultural dominante que deseja implantar uma única tradição de valores de transmissão. Esta é uma fronteira relacional violentando indivíduos que vivem por erguer barreiras para viver juntos. O jogo cultural da tradição estabelece uma autoridade nas relações educativas dinâmicas, sem democracia e socialmente intransigente.

Esta questão remete à questão de territórios e de desterritorialização. Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 634) “a desterritorialização é o movimento pelo qual se deixa o território”. Viver em uma desterritorialização temporária de forças culturais coletivas produzem práticas pedagógicas singulares. Segundo os autores acima citados, trata-se de forças estranhas e é com essa sensação de estranheza que o pensamento, centrado sobre generalizações, classificações é completamente questionado. O estranhamento aparece assim nesses espaços de luta simbólica.

3.1 O início do processo: relações humanas que se transformam em relações institucionais

A base do processo - *cotutela* - é um acordo entre dois pesquisadores que aceitam trabalhar sobre uma tese comum. A especificidade nesse caso é que se trata de dois diplomas universitários de duas universidades diferentes e os procedimentos legais devem satisfazer às cláusulas das duas instituições. Nesse momento, começam as estranhezas e processos etnocêntricos que podem se revelar, facilitando ou dificultando o processo de tese do aluno. Observam-se aqui os processos de *desterritorialização* abordado acima. Essas estranhezas são ainda maiores quando as instituições são do domínio público ou privado. Nesse caso, a questão financeira gera dificuldades particulares uma vez que as instituições se comprometem à fornecer uma verba para a realização da defesa da tese, que deve constar com um número equivalente de professores das duas instituições.

3.2 Compatibilidades teóricas e metodológicas

Em princípio, uma tese em regime ordinário segue as orientações teóricas e metodológicas do grupo de pesquisa da qual ela depende. Segundo Acioly (1994), certas pesquisas, pela natureza ou pela problemática que abordam, apresentam riscos metodológicos não negligenciáveis tanto no que envolve a validade interna (*precisão da experiência*) quanto a validade externa ou ecológica (*pertencente àquela fora de laboratório*). Observamos, por exemplo, o emprego de uma combinação de entrevistas individuais clássicas, de procedimentos do tipo clínico, associados a experimentações clássicas, sejam a de métodos de observação participante, ou seja, de observações etnográficas. Essa combinação de métodos é investida em estudos referentes a populações específicas, quando as condições são tais que os paradigmas experimentais habituais poderiam se demonstrar estéreis. Como preconiza Greenfield & Lave (1982), cruzamos o rigor de métodos “quantitativos” com a riqueza de métodos “qualitativos”. Mas, a dificuldade aparece quando os quadros teóricos e epistemológicos dos dois grupos de pesquisa parecem revelar incompatibilidades. Então, como resolver essa questão e as críticas subjacentes? Assumir um ecletismo perigoso, ou evidenciar a necessidade de um ecletismo moderado.

Nesse caso, Abdi (1987) escreve que *as tentativas de compreender o comportamento não se reduzem a uma experimentação e que certos problemas não podem encontrar respostas experimentais seja por razões éticas, práticas, teóricas ou outras*. Ele acrescenta que *as variáveis independentes e dependentes, assim como os métodos de laboratório, por vezes parecem – ao menos - artificiais comparadas à riqueza e à complexidade dos fatos observáveis*. Segundo esse autor, o estudo dos fatos de uma situação natural não pode impedir que sejam consideradas “todas” as variáveis implicadas, para observar os efeitos de cada uma e os efeitos das interações. Enfim, como escrevem Acioly-Régnier e Régnier (2008, p. 383), pode-se considerar que:

De um ponto de vista metodológico, um aspecto a destacar é a associação muito frequente e por vezes mesmo perigosa, de um lado, métodos qualitativos e pesquisas de educação em ciências humanas, e de outro lado métodos quantitativos associados a problemas do campo de ciências “ditas” exatas. Postulamos que essa associação desacredita, aos olhos das comunidades científicas, a utilização de métodos ditos qualitativos que, portanto, podem ser colocados em obra com rigor. Ela afasta também numerosos pesquisadores da utilização de ferramentas estatísticas poderosas que permitem fazer aparecer propriedades do corpo de dados, por vezes grandes e úteis à compreensão de certos fenômenos em educação.

3.3 Os seminários do grupo de pesquisa: uma interculturalidade em ação

Nesse contexto o encontro com a alteridade exige uma decentração forte, necessária para compreender e se fazer compreender com o *outro* cuja língua materna não é o francês. O desafio maior é que se deve argumentar numa língua outros conceitos científicos, cujo grupo não partilha de uma linha teórica comum. Acrescente-se a isso os códigos culturais de cada nacionalidade e a aprendizagem do que pode ser dito, do que deve ser calado etc.

Essas realidades concentram características diferenciadas do conhecimento através de centros e instituições educacionais, nos quais cada membro, alunos e pesquisadores de cada instituição se expressam a partir de seus territórios, na preocupação de construir respostas viáveis para determinados problemas que o próprio pesquisador elabora, partindo de necessidades que podem ser trabalhadas e estudadas na forma do conhecimento cooperativo.

No confronto cultural, teórico e prático justamente por tratar de uma rede ou comunidade investigativa foi inevitável a existência de uma preocupação epistemológica em vista de novos conhecimentos e reconhecimentos.

Estando integrados a projetos cooperativos, em cotutela, acabamos sendo absorvidos ou envolvidos em grupos humanos, de diferentes *mundos*, diferentes *culturas e conhecimentos* que nos desnudam em face de uma velha realidade que é a nossa de origem, nos desafiando a uma nova *alfabetização* na aquisição de outra linguagem, na forma de pensar e de compreender o *outro*. Berger e Luckmann (1996, p. 57-60) nos trazem essa bela reflexão quando escrevem que a “*linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes. Ainda mais, a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana*”.

As possibilidades existentes para o debate, a construção, a crítica científica devem ser canais abertos de aproximação para compreensão do homem e da mulher, seres inacabados, que vão criando espaços para mostrar outras possibilidades de construir e produzir conhecimentos. Podemos constatar que as diferentes práticas, a partir dos *seminários realizados, nas universidades de comum acordo*, são reveladoras de conhecimentos fundamentais. Estes, por vezes, não têm relação direta com a temática que o *outro* membro desse determinado grupo está desenvolvendo, mas podem existir, nesse conjunto de assuntos, diferentes pontos que estão sendo

explorados, elementos iluminadores prestando alguma forma de colaboração aos demais pesquisadores.

As observações e informações recolhidas nos distintos terrenos de uma determinada população, na qual cada pesquisador esteve para ver e analisar o procedimento ou a origem do conhecer, foram sendo repassadas durante os seminários e orientações acadêmicas realizados juntamente com estudos e reflexões em sala de aula, sinalizando, através de diferentes atores e práticas metodológicas, a importância desse(s) grupo(s) de pesquisa.

Na busca de compreender como se processa esse sistema de conhecimentos existentes entre realidades distintas, acadêmicas ou não, os estudos de François Laplantine (2007), integrados as diversas pesquisas de Claude Lévi-Strauss, antropólogos franceses, aprofundam elementos do pensar o homem sobre o homem e seu desenvolvimento científico.

Essa passagem acima faz memória de um dos seminários de estudos acontecido na academia de Lyon2, com o grupo Aprendizagem, Didática, Autonomia, e Tecnologia de Informação e de Comunicação- ADATIC: grupo de pesquisa dirigido e coordenado pelo Prof. Dr. Jean-Claude RÉGNIER – nível Mestrado e Doutorado, o qual contou com a presença de 17 estudantes, mestrandos e doutorandos, representado por homens e mulheres de 7 nacionalidades, espelhando 4 continentes, que dialogavam as diferentes investigações científicas que se encontravam em desenvolvimento.

Algum tempo depois, esse diálogo prosseguiu numa outra realidade acadêmica, agora com o grupo da Universidade Unisinos – no Rio Grande do Sul-RS, Brasil, no seminário Prática de Pesquisa, da linha de pesquisa IV Educação e Processos de Exclusão Social, coordenado pelo Prof. Dr. Danilo Romeu Streck. Éramos 8 colegas, doutorandos brasileiros, mas de distintos Estados do Brasil.

Esses dois eventos citados nos conduzem a uma maior curiosidade epistemológica, expressão bem acentuada por Paulo Freire em seus escritos, se tornando elemento determinante nesse processo de querer buscar, avaliar, criticar, refletir, e conhecer. É preciso reconhecer o quanto ainda são desconhecidos os trabalhos de pesquisas, movimentos e grupos, outros centros de investigação que podem tornar-se parceiros na criação e recriação de novas comunidades científicas, focalizando o bem comum da humanidade e todo seu avanço científico. Essa curiosidade de conhecer, uma característica do gênero humano, nos faz ver o quanto se desconhecem os territórios cercados por pessoas que produzem meios auto-sustentáveis em diferentes realidades socioculturais e socioeducacionais.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que muitos são os diferenciais nesses contatos que vão se construindo além de nossos corredores e salas acadêmicas. No entanto, o que faz o diferencial é esse movimento dinâmico e dialético do querer conhecer, nos tirando de certo conforto e nos colocando numa posição de confronto e, muitas vezes, numa situação de desespero, por não termos num primeiro momento, a clareza de todo o processo que retrata essa inserção cooperativa, como a *cotutela*, suas leis e exigências. Mas as respostas a muitas perguntas vão se elaborando dentro do próprio engajamento cooperativo conectado à realidade da pesquisa, institucional e empírica, a qual permite processar e absorver os elementos essenciais dos acordos estabelecidos.

A cotutela nesse contato direto, de comum acordo entre diferentes instituições universitárias, com outras realidades teóricas e empíricas, nos faz elevar o compromisso cooperativo da comunidade científica, entre outras, que sela uma realidade de permanente movimento da procura do conhecimento, em vista do bem comum.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDI, H., (1987) *Introduction au traitement statistique des données expérimentales*. Grenoble: PUG.
- ACIOLY-REGNIER, N. M., (1994) *La juste mesure: une étude des compétences mathématiques des travailleurs de la canne à sucre du Nordeste du Brésil dans le domaine de la mesure*. Thèse (Doctorat en Psychologie) 1994. Université René Descartes Paris V, Paris.
- ACIOLY-REGNIER, N. M; REGNIER, J. C., (2008) *Culture scolaire versus culture extra-scolaire: interculturalité et questions épistémologiques, méthodologiques et pédagogiques*. Educ. Mat. Pesqui., São Paulo, v.10, n.2, pp. 367-385.
- BERGER, P. L; LUCKMANN, T., (1996) *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- BOAVIDA, A. M.; PONTE, J. P.(2002) *Investigação colaborativa: potencialidades e problemas*. In: GTI (Org.), *Reflexir e investigar sobre a prática profissional*, p.43-55. Lisboa.
- BOMBASSARO, L. C., (1992) *As fronteiras da epistemologia*. Como se produz o conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes.
- BRUNER, J., (1991) *Car la culture donne forme à l'esprit*. Paris: Eshel.
- BRUNER, J., (2000) *Culture et modes de pensée*. Paris: Retz.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1997) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Coord. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34. vol.5.
- FREIRE, P., (2007) *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GREENFIELD, P.; LAVE, J., (1982) *Cognitive aspects of informal education*. In: Wagner, D.; Stevenson, H. *Cultural perspectives on Child Development*. San Francisco: Freeman.
- LAPLANTINE, F., (2007) *Le sujet: essai d'anthropologie politique*. Paris: Téraèdre.
- MATOS, S.; PEREZ-CARABALLO, G.; ACIOLY-REGNIER, N.M., (2013) *frontières et territoires culturels dans un monde globalisé: quelle place pour l'interculturalité ? Psychology of Human Health in the world globalizing*. Astana: Éditions de l'Université Eurasienne Nationale L.N. Gumilyov.
- MATOS, S.; PEREZ-CARABALLO, G., (2012) *Territoires et frontières culturels dans un contexte scolaire multiculturel: bricolage pédagogique face à la différence pour la construction de la cohésion sociale*. Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, 5, p. 54-74. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, Brésil.
- SANTOS, P.C.M.A., (2014) *Políticas públicas de mobilidade acadêmica internacional: Um estudo exploratório do dia a dia do aluno brasileiro na cidade de Lyon-França*. (Tese de doutorado).
- SANTOS, B. S., (2002) *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: Afrontamento.
- VEIGA-NETO, A., (2003) *Cultura, culturas e educação*. Rev. Bras. Educ., n.23, pp. 5-15. ISSN 1413-2478. doi:10.1590/S1413-24782003000200002.
- VIEIRA PINTO, A., (1969) *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. United Nations. Regional Centre for Demographic Training and Research in Latin America, Santiago de Chile: Paz e Terra.